

Notas sobre a relação eloquência-sabedoria no livro IV do *DE DOCTRINA CHRISTIANA* de Agostinho*

Tiago Brentam Perencini (UNESP/Marília)

Resumo

Este trabalho visa entender como a mudança da *eloquentia* para a *sapientia*, na retórica sacra, vem também modificar as relações entre objeto e método para esta mesma retórica, tendo como base o Livro IV do *De Doctrina Christiana* de Agostinho de Hipona. Para tanto, entendemos necessário localizar a obra e, mais precisamente, este Livro IV dentro dos escritos agostinianos, assim como entender as variantes temáticas e problemáticas no que se concebeu como retórica antiga-profana e suas conseqüentes apropriações e diferenças feitas pelos Padres da Igreja a essa arte. Além, é claro, da definição de um *stilus* retórico e seus *genera oratorium* para, posteriormente, compreendermos que tanto o objeto como a finalidade e o método empregados para elaborar o discurso deveriam restringir-se a sabedoria contida na Sagrada Escritura.

Palavras-chave

Agostinho; Retórica Antiga; Retórica Sacra; Eloquência; Sabedoria; Estilo.

O Sobre a doutrina cristã é um livro de caráter exegético dentro do contexto das obras agostinianas, isto é, trata-se de um escrito que se pretende à explicação e à interpretação das Sagradas Escrituras. Divide-se em quatro livros, sendo que os três primeiros, de maneira geral, visam “a preparação básica do orador, isto é, a sua formação e ao estudo da Escritura Sagrada. O quarto trata da eloquência propriamente dita e dá a esse respeito os mais sábios conselhos” (Bardy, 1946, p.237). Assim, dada toda a formação retórica antes da conversão de Agostinho, não seria muito dizer que estamos diante de um verdadeiro tratado de retórica cristã. Ora, nos três primeiros livros ele oferece instrumentais preciosos para a análise bíblica, tal como a maneira de interpretar os signos (*signis*) bíblicos, a formação cultural geral do orador sacro e até a análise dos *tropos* – figuras de pensamento – que pretendem a explicação do aspecto simbólico do livro sagrado. E, como já dito, no Livro IV, ele discorre sobre as maneiras

* Texto apresentado na *III Semana da Graduação em Filosofia: Filosofia Política*, em novembro de 2011, na UFSCar, campus de São Carlos.

de ensinar a doutrina, apresentando os objetos, as finalidades e as conformidades do orador sacro em relação à oratória, tal como devem ser empregados os estilos e até a maneira que o cristão pode se utilizar da retórica profana.

Feita a caracterização geral da obra e do Livro IV, parece necessário entender, mesmo que de maneira bem geral, as variantes entre a dita retórica antiga e os anseios patrísticos – mais precisamente agostinianos – quando a tratar desta arte. Ernest Robert Curtius vem afirmar a respeito da retórica antiga:

Retórica quer dizer ‘arte de falar’; designa, pois, segundo sua significação fundamental, o método de construir o discurso artisticamente. Desse germe desenvolvem-se, com o correr dos tempos, uma ciência, uma arte, um ideal de vida e até uma coluna básica da cultura antiga. De formas diversas, durante nove séculos, a retórica vincou a vida espiritual dos gregos e romanos. Sua origem ressalta aos olhos. Lugar: a Ática; tempo: depois das guerras persas. (1996, p.101).

Já na chamada Antiguidade Tardia, os temas e os problemas concernentes à retórica eram diferentes e, em certa medida, paradoxais. A retórica já não é mais um ‘ideal de vida’. Por um lado, via-se o cristianismo nascente, fecundo, e a grande necessidade de afirmar a doutrina por parte dos Padres da Igreja. Assim, a retórica parecia necessária à persuasão. Por outro lado, como lembra Angelo Di Berardino:

a relação entre palavra e ação é profundamente estreita, indissolúvel para o cristão. Pelos princípios evangélicos (Mt 12,36), o homem no dia do juízo prestará contas de cada palavra ociosa. Os Padres da Igreja parecem dizer que, se a verdade das coisas fosse dependente da habilidade de quem fala, o mundo acabaria com o triunfo da mentira. (2002, p.1218)

É a substituição da *eloquentia* grega nas assembleias pela *sapientia* que aparece como a ordem do dia para os primeiros Padres da Igreja. Ora, essa *sapientia* era alusão à verdade e a verdade era as Sagradas Escrituras. Cai, assim, aquela verossimilhança de que falaram os sofistas e Aristóteles. A retórica não é mais “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (*Ret.*, I, 1355a), conforme o Estagirita, mas sim a necessidade de explicar e apregoar a verdade – que é a palavra revelada – para os que dela não entenderam ou se esqueceram.

Em Agostinho, parece claro o projeto retórico da substituição da eloquência pela sabedoria. Sua verdade é o próprio *Logos-Verbum* divino¹. Portanto não cabe à retórica

¹ Cf. a passagem no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, onde é exposto o conceito de verdade para Agostinho: “considera como V. “aquilo que revela o que é, ou que se manifesta a si mesmo”; nesse sentido, identifica a V. com o *Verbum* ou *Logos*, que é a primeira manifestação imediata e perfeita do ser, ou seja, de Deus (*De vera rei*, 36)” (1998, p.995)

qualquer invenção de verdades ou verossimilhanças, senão transmitir a sabedoria contida nas Escrituras. Ele próprio diz em diversas passagens do *Sobre a doutrina cristã*:

É preciso que o orador, capaz de discutir ou de falar – se não com eloquência, ao menos com sabedoria –, assumo esse trabalho de que tratamos aqui, em vista de ser útil aos ouvintes. Ainda que seja menos útil do que o seria se fosse capaz de falar com eloquência. (IV, 5, 7)

Ou ainda: “É, pois, de toda necessidade para o orador – que tem o dever de falar com sabedoria, ainda que não consiga fazê-lo com eloquência” (*De doc. christ.*, IV, 5, 8). Vemos assim a importância da maneira de falar no orador sacro restrita ao que é falado por este mesmo orador ou pregador.

E esta importância da sabedoria sobre a eloquência não se restringe apenas ao ensinamento cristão. Vemos, no diálogo *Sobre a Ordem*, a necessidade da distinção entre o que é “racional” (*rationale*) e “razoável” (*rationabile*) para a instituição de verdades maiores, que vão desde a importância das disciplinas no *trivium* até a soberania da sabedoria. Pelo termo “razão”, Agostinho entende uma faculdade, responsável por diferenciar o que é humano do que é animal, tal como definido pelos sábios antigos (*De Ord.*, II, 11, 30) e, além disso, a define como “movimento da mente capaz de discernir o que conhece, de guiar-se da sua luz para conhecer a Deus ou a própria alma que está em nós ou em todas partes” (*De Ord.*, II, 11, 32, tradução nossa). Assim, a razão não é uma instituidora de verdades, senão o meio de buscá-las.

Diferente da razão é o razoável. Ao razoável cabe se utilizar da razão. Enquanto através do movimento da mente, pode-se chegar ao conhecimento de Deus, no razoável separa-se o prazer dos sentidos para a construção de partes coerentes entre si. “É racional aquele que usa ou pode usar da razão; razoável o que se faz ou se diz conforme a razão” (*De Ord.* II, 11, 31, tradução nossa). Não é de se espantar, assim, que a dialética, para Agostinho, apareça como a “disciplina das disciplinas”, afinal, “é no exercício dialógico que se mostra e se descobre o que é a própria razão, o que deseja, o que pode” (*De Ord.* II, 13, 38, tradução nossa), enquanto que na retórica tem lugar o razoável, o verossímil e o prazer dos sentidos.

Entendida a comparação entre ambos os períodos retóricos, focando este entendimento na Filosofia agostiniana, abordaremos a noção de *stilus*. Como apoio nesta vereda, pensaremos a partir do que foi escrito por Heinrich Lausberg, um dos

responsáveis pela ‘volta retórica’ na contemporaneidade. Sobre a definição do *stilus* retórico:

Como sistematização do *aptum* em relação à *elocutio* distingue-se grande número de *genera elocutionis*. Especialmente em relação ao *ornatus*, estão disponíveis muitas possibilidades de variação, as quais se dividem, sumariamente, em três *genera elocutionis*. Estes três *genera*, são atribuídos a três classes de assuntos e de situações [...] (2004, p.271)

Tal definição parece dizer que no ato da elaboração discursiva, seja ela escrita ou falada (*elocutio*), há a adequação do discurso tanto aos seus meios internos como ao público ao qual se pretende comunicar (a adequação define o *aptum*). Frente a esta adequação, surge o fazer discursivo como necessidade estética, de embelezamento (*ornatus*). Daí surgirem os estilos e seus diferentes gêneros (*genera elocutionis*)², como simples, médio e sublime, que por sua vez são adequados aos assuntos e às situações.

Agostinho, que parece aproveitar em grande medida as regras de retórica profana, utiliza-se bem da teoria dos três estilos, tal como proposto na *Retórica a Herênio* e em Cícero. Ele mantém as três conformidades estilísticas, que adapta ao seu objetivo: a formação do orador sacro ou pregador cristão. Agostinho mesmo cita claramente Cícero, no que concerne aos três estilos: “Disse certo orador – e disse a verdade – que é preciso falar ‘de maneira a instruir, a agradar e a convencer’. Depois, acrescentou: Instruir é uma necessidade; agradar, um prazer; convencer, uma vitória” (*De doc. christ.*, IV, 12, 27)

Resta agora compararmos as relações entre este estilo ‘profano’ e as adaptações agostinianas para o pregador cristão. Analisaremos as diferenças quanto à finalidade, isto é, ao objetivo a que se propõe o estilo empregado e ao assunto tratado, ou seja, seu objeto de discussão.

No que diz respeito à finalidade discursiva do estilo, é este que moldará todo o estilo; ou melhor, é por meio do fim visado pelo discurso que se pode determinar o estilo escolhido. Para a chamada retórica antiga profana, de maneira geral, no estilo simples (*genus humile, summissum, tenue, subtile, gracile*), a finalidade é ensinar, demonstrar e/ou provar. No médio (*genus médium, modicum, médiocre, moderatum, floridum*), pretende-se deleitar, conciliar os ânimos (Carmona, 2003, p.222) ou agradar

² A teoria dos três estilos retóricos é muito conhecida nesta arte: “De forma expressa encontramos pela primeira vez a doutrina sobre os três e sobre as qualidades do estilo no desconhecido autor da *Retórica a Herênio*, em língua latina (IV, 1116), e no de seu contemporâneo Cícero (*Orator*, 23, 75-28, 89). (Carmona, 2003, p.220)

o ouvinte. Já no sublime (*genus sublime, grande, robustum, vehemens, amplum, grandiloquum, validum*), o objetivo é convencer, comover o interlocutor e/ou auditório. De maneira tal que chega a dizer Cícero: “O melhor orador é aquele que, discursando, ensina, agrada e comove” (*De optimo genere oratorum*, 1, 3).

Em Agostinho, apesar de conservar os estilos clássicos, há uma mudança significativa para a oratória sacra em relação às finalidades do discurso. No estilo simples, não cabe ao pregador cristão ensinar, demonstrar e/ou provar, visto que não é preciso ensinar, demonstrar ou provar o que é a verdade, mas sim instruir os esquecidos do cumprimento desta verdade; portanto, se for para o orador eclesiástico ensinar, que ensine para instruir. No estilo médio, agradar é sempre útil, mas desde que não seja um ornamento oposto à verdade que é a palavra de Deus; “portanto, [que] esteja bem longe de nós, sim, bem longe de nós, o fato de sacerdotes aplaudirem discursos iníquos e que o povo de Deus ame que isso aconteça” (*De doc. christ.*, IV, 14, 30). Neste estilo, desde que em conformidade com a verdade da escritura, deve o orador sacro “agradar para cativar”, edificar a doutrina, e não outra coisa. Por fim, no estilo sublime, comove-se ou visa-se o convencimento para a conversão, caso a instrução da verdade unida ao encanto da expressão não consiga fazê-lo.

Outro ponto que nos propomos a analisar é o objeto, assunto a ser tratado pela oratória, estabelecendo assim o que pode haver de comum e de divergente entre a retórica antiga – mais precisamente ciceroniana – e a sacra, tal como descrita no livro IV, do *Sobre a doutrina cristã*.

Ao analisarmos o objeto da retórica antiga, devemos ter em mente o “estilo de vida retórico” existente na época. Assim, argumentava-se com o fim de persuadir, do que se infere a possibilidade eminente das técnicas retóricas no templo, na ágora e até no senado, na assembleia. Portanto, parece que os constantes objetos de discussão eram múltiplos, tal como os estilos empregados para esta discussão. Afinal, o orador eficaz adota o estilo que convém ao seu assunto (Reboul, 2004, p.62). Ao tratar da multiplicidade discursiva como objeto retórica na Antiguidade, dizem Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca no seu *Tratado da Argumentação*:

O objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava. Vê-se, assim, que a meta da arte oratória – a adesão dos espíritos – é igual à de qualquer argumentação (1999, p.6)

No que concerne à Oratória Sacra, não existe esta multiplicidade de assuntos, ou até mesmo a conformidade dos estilos aos diferentes assuntos. Ora, de que tão variados assuntos falamos? Ou ainda, como adequar os três estilos a esta diversidade de assuntos? No próprio livro IV do *Sobre a doutrina cristã*, Agostinho, citando Cícero, responde a essas perguntas: “ser eloquente é ser capaz de falar para ensinar em estilo simples as pequenas questões; para agradar, tratando questões médias, em estilo temperado; e para converter expondo grandes questões, em estilo sublime” (*De doc. christ.*, IV, 19, 34).

Posteriormente, Agostinho mostra que esta conformidade entre assuntos e temas é ineficaz para os assuntos da Igreja. Cícero é ineficiente para os assuntos da Igreja! Enquanto nas causas do fórum chamam-se “pequenos assuntos” os relativos ao dinheiro, os “grandes” à liberdade, vida e cabeça³ dos homens (*De doc. christ.*, IV, 19, 35) e os “médios” os que não se encaixam nem em uma ou outra categoria, nos objetos de discussão que são próprios à Igreja só se tratam de “grandes assuntos”:

considerando que todos os assuntos se estendem – sobretudo quando falamos ao povo, mantendo-nos em lugar mais elevado – a respeito da salvação eterna dos homens e não sobre a temporal; e, sobretudo considerando que pomos os homens em guarda contra a morte eterna, nós não tratamos a não ser de grande assuntos. E isso, a ponto que não devemos considerar como assuntos menores, se tratador por doutor eclesiástico, aqueles relativos à aquisição ou perda de uma soma de dinheiro, seja ela pequena, seja grande. Pois não é pequena a justiça que certamente devemos observar inclusive em relação a uma pequena quantia, conforme a palavra do Senhor: ‘Quem é fiel nas coisas mínimas, é fiel também no muito’ (Lc 16, 10) (*De doc. christ.*, IV, 19, 35)

Como conclusão deste trabalho, percebemos ser a retórica, em Agostinho de Hipona, uma disciplina em repetidos graus. Diríamos, até, tratar-se de uma retórica hierarquizada, em que precede a subordinação da eloquência a sabedoria que, por sua vez, está contida na verdade inserida na verdade revelada. Em seguida, é o razoável/verossímil também subordinado à razão que, por conseguinte, encontra sua limitação na revelação. Esta mesma hierarquização acontece no *trivium*, onde as artes liberais, por um lado, também assumem graus de importância quanto à razão e, por outro, encontram seu limite. Ora, a retórica ocupa-se do deleite pelos sentidos, então é a menos importante das três artes; a gramática procura a retidão do ensino, assim, ocupa uma posição intermediária; por fim, é a dialética que “ensina a ensinar e ensina a

³ “Cabeça dos homens” faz referência aos julgamentos feitos no fórum romano e que, assim, poderiam absolver ou condenar à morte os réus.

aprender; nela se mostra e se descobre o que é a própria razão, o que deseja, o que pode”. (*De Ord.*, II, 13, 38, tradução nossa)⁴. Nenhuma delas, porém, assim como a própria razão, remetem-se à descoberta e à instituição de novas verdades, mas tão somente ao seu aprendizado e ensinamento corretos, afinal:

A mesma verdade dos raciocínios (*veritas counexionum*) não foi instituída pelos homens, mas constatada e posta em fórmulas por eles, para poderem aprendê-la ou ensiná-la. A verdade fundamenta-se de modo permanente na razão das coisas e foi estabelecida por Deus. (*De doct. christ.*, II, 33, 50).

O mesmo se diz com relação à finalidade e ao objeto do estilo na retórica para Agostinho. Enquanto o objeto do discurso é subordinado à sua finalidade, isto é, o que se pretende dizer é limitado ao objetivo que se pretende com o dito, parece que um e outro, estando dentro da eloquência, subordinam-se, primeiramente, à sabedoria e, em sentido mais prático, convergem para a instrução, a edificação e a conversão da alma que, em última estância, busca sua salvação na verdade instituída por Deus. Isto é, as hierarquizações do discurso, seus temas e objetivos, assim como a razão da sabedoria perdem o pluralismo encontrado no ‘ideal de vida’ antigo para serem assumidos a um único propósito pelos Padres da Igreja, neste trabalho representado por Agostinho: a verdade da palavra revelada.

Abstract

This paper aims to understand how the change from *eloquentia* to *sapientia* in the sacred rhetoric has modified the relationship between the object and the purpose to this same rhetoric, based on the Book IV of *De Doctrina Christiana*. For that, we understand the need to locate the work and, more precisely, this book IV within Augustin’s writings, as well as understand the variants of the themes and problems of what is known as profane-antique rhetoric and their consequent appropriations and differences made by the Priests of the Church to this art. Besides, of course, the definition of a rhetoric *stillus* and its *genera oratorium* to comprehend, subsequently, that both the object and the purpose used to prepare the speech should be restricted to the wisdom contained in the Sacred Scripture.

Keywords

Augustin; Antique Rhetoric; Sacred Rhetoric; Eloquence; Knowledge; Stile.

⁴ Vale lembrar a importância da retórica. Se por um lado é a dialética que nos pode dar a certeza do saber, por outro, “como muitas vezes os homens, quando se lhes persuade das coisas boas, úteis e honestas, não seguem o dito da pura verdade, que brilha aos olhos de muitos poucos, se vão pelos próprios sentidos e costumes, era necessário não só instruí-los segundo sua capacidade, mas também muitas vezes estimulá-los a prática” (*De Ord.* II, 13, 38, tradução nossa). É este ‘estímulo à prática’ que a razão denominou retórica, para Agostinho.

Bibliografia:

- ABBAGNANO, N. 1998. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- AGOSTINHO. 2002. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2 v. (Patrística; v. 17).
- _____. 1970. *Obras de San Augustin* (Introducción general. Vida de San Agustín, escrita por San Posidio. Introducción a los Diálogos, Solilóquios. De la vida feliz. Del orden. Bibliografía agustiniana). 5ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. 1998. (trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- BARDY, G. 1946. *Saint Augustin, l'homme et l'oeuvre*. Paris: Desclée, De Brouwer.
- BERARDINO, A. D.; BERARDINO, Angelo Di (Org.). 2002. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes,
- CARMONA, A. O. 2003. *Oratória – A arte de falar em público: (história, método e técnicas oratórias)*; trad. Cláudio Aguiar. Rio de Janeiro: Calibán.
- CÍCERO, M. T. 2005. *Retórica a Herênio*; trad e introd. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra.
- CURTIUS, E. R. 1996. *Literatura Européia e Idade Média Latina*; trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. – São Paulo; Hucitec: Edusp. (Clássicos, 2)
- LAUSBERG. H. 2004. *Elementos de Retórica Literária*; trad. e pref. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- PERELMAN, C. OLBRECHTS-TYTECA, L. 1999. *Tratado da Argumentação*; prefácio Fábio Ulhôa Coelho; trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.
- REBOUL O. 2004. *Introdução à Retórica* (trad. Ivone Castilho Benedetti). São Paulo: Martins Fontes.